

<sup>1</sup> Aluísio Ferreira de Lima    <sup>2</sup> Beatriz Oliveira Santos    <sup>3</sup> Brígia da Silva Amaro Lima  
<sup>4</sup> Stephanie Caroline Ferreira de Lima    <sup>5</sup> Yuri Marcondes Lisbão

Em comemoração aos 40 anos do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará e considerando a relevância de se resgatar um pouco dessa trajetória, preparamos para essa edição a resenha do livro intitulado *Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará: história da criação/ criação de uma história* escrito, de um modo pioneiro, por Angela de Moura Marques e publicado pela editora GM Multimídia em 2001. O livro é resultado de uma pesquisa realizada pela autora, que foi professora do Departamento de Psicologia da UFC, e trata de apresentar, nas 192 páginas, a partir de uma contextualização histórica, as condições de surgimento do curso de Psicologia no Ceará e as vicissitudes de sua implantação até sua condição enquanto um Departamento independente.

No primeiro capítulo, Marques (2001) apresenta um breve histórico acerca do desenvolvimento da Psicologia no Brasil, tomando como foco o lugar que a Psicologia foi ocupando nos diferentes saberes, em especial, sua relação com a medicina, educação, engenharia e religião. A autora discute a importância da Reforma Benja-

min Constant no ensino ao substituir nas escolas o ensino de Filosofia pela Psicologia e Lógica, iniciando uma inclusão da Psicologia na Educação, ainda que de forma tímida, reduzida as disciplinas nos cursos de Pedagogia e aplicação de testes. Ela apresenta esse período inicial como sendo a “fase heroica” da Psicologia brasileira, onde duas ênfases eram identificadas: a ligada à Medicina Social e à Neurologia. A primeira contando com a colaboração de pensadores como Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Oscar Freire, Arthur Ramos etc., e a segunda tendo como expoentes João Carlos Teixeira Brandão, Antônio Austregésilo etc. Antes de encerrar essa sessão, ela escreve sobre a criação da cátedra de Psicologia no Instituto de Educação Caetano de Campos – antiga Escola Normal de São Paulo, onde, a partir de 1936, passaram a ser ministrados os primeiros cursos de psicologia geral e a criação da Sociedade de Psicologia em 1945.

No segundo capítulo, a autora trata de assinalar a criação dos cursos de Psicologia no Brasil. Analisa as dificuldades na implementação dos cursos e sua condição

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Av. da Universidade, 2762 Benfica, CEP 60.020-180 - Fortaleza – CE. E-mail: aluisiolima@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: psico\_bia@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: brigia@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: stephaniecarolinelima@hotmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: yurimali@hotmail.com

ambígua durante o período da Ditadura brasileira, que regulamenta a profissão e a coloca na condição de tecnologia de adaptação à realidade. A história do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará é tomada pela primeira vez, não para o início de narração de sua história, mas para servir como exemplo para a discussão política realizada pela autora. Essa análise permite que ela apresente os próximos passos de seu texto, que será o da apresentação de um caminho reconstrutivo dos rumos que o referido curso tomou a partir de então.

Marques (2001) assinalará que as primeiras tentativas de implementação de uma psicologia no Ceará são apresentadas no terceiro capítulo. Nos anos de 1960, o Curso de Orientação Educacional oferecido pela Faculdade de Filosofia do Ceará introduziu o que se pode chamar de esboços de uma prática psicológica, através de disciplinas como Psicometria e Psicologia Social, que começaram a despertar interesses de profissionais ligados à área de Educação. Nos anos de 1972 e 1973, surgiu interesse por parte de alguns profissionais de fundar uma associação que congregasse os profissionais da área. Entre várias questões que foram debatidas, havia a que dizia respeito à criação do curso de Psicologia, que reuniria os profissionais das três universidades do Estado: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). No entanto, como expõe Marques (2001), essa ideia foi adiada por questões que envolviam interesses particulares das administrações de cada uma delas.

Como enfatiza a autora, a ideia do Curso de Psicologia na UFC foi concretizada através da oferta de 30 vagas para o primeiro vestibular em 1974, apesar da oferta de vagas ter ocorrido no final de 1973, e em apenas 1975 o Curso ter sido oficialmente criado. Nesse contexto inicial, a prática psicológica era voltada para um modelo baseado, primordialmente, na Psicologia Experi-

mental e Clínica. Observava-se muito mais a valorização de modelos técnicos-práticos do que a transmissão mais profunda de uma vertente teórica. Nessa época, o psicólogo teria que ter um domínio abrangente de tudo o que existisse na Psicologia, particularmente ao que se refere à intervenção. A transmissão do saber psicológico deslocou-se, então, das mãos de alguns para ser objeto de instituição. De acordo com ela, era difícil traçar um perfil da identidade profissional do psicólogo dentro do Curso de Psicologia da UFC. Ela levanta algumas questões muito interessantes acerca dessa identidade nesse capítulo e que nos permite refletir: como é possível ser psicólogo sem ser médico, pedagogo, assistente social ou sociólogo? E que, na prática, como ela assinala, isso não foi devidamente pensado.

No quarto capítulo, a autora trata de assinalar inúmeros desafios quanto ao campo de atuação dos psicólogos. Na universidade, ela chama atenção ao dizer que se pensavam muito baseadas na tentativa, sendo comuns os comentários nas reuniões de colegiado: “a universidade tal fez assim, então deveria se fazer aqui” (Marques, 2001, p. 57). O que estava em jogo, como ela diz, era a carência no processo de formação profissional do psicólogo na UFC, reflexos de uma política difusa, quanto aos posicionamentos teóricos, onde a atividade era dirigida mais para oferecer informações do que para a formação propriamente.

Nos dois capítulos seguintes, a autora reconstrói um pouco da ambiência na qual emerge a proposta de um novo curso que integrava o Centro de Humanidade da UFC. Sobre a égide de uma demanda da sociedade por psicólogos, o curso de Psicologia da UFC foi então criado a partir das necessidades da comunidade cearense. Àquela época, profissionais sem formação sistêmica na área estavam exercendo atividades tidas como concernentes aos psicólogos. Em resposta, o curso deveria gerar um saber próprio baseado em teorias

externas, mas que conseguisse guardar a perspectiva de adequação e intervenção. Na escrita do projeto, a argumentação sobre a necessidade do curso funda-se em referências estrangeiras, o que não aconteceu em nenhum outro projeto elaborado no Brasil. O modelo de educação que se destacava, naquele momento, era baseado na sociedade norte-americana.

A autora enfatiza que o desenvolvimento de um propósito de adequação às condições locais, embora algo difícil de ser consumado no plano real, nunca caminhou destoante de questões políticas. Grandes desafios perpassavam esse processo de criação do curso. Entre eles estavam os professores que: a) trabalhavam em mais de um posto; b) não contavam com experiência na produção de pesquisa; c) precisavam se adequar à nova dimensão da produção acadêmica e sua mudança para a dedicação exclusiva; d) estavam submetidos a atuação do departamento nas questões administrativas e burocráticas etc.

No sétimo capítulo, Marques (2001) procura demonstrar como a formação em Psicologia sofreu mudanças na fisionomia pensada quando fora criada, sendo descrita ao longo dos anos através das intervenções que novos professores integrados ao corpo docente realizavam. A problemática levantada pela autora não é a mudança em si, uma vez que para a ela o curso era um organismo vivo e dinâmico, mas a descaracterização da “fisionomia original”, onde o modelo de profissional que a UFC visava formar não era mais o mesmo. Para tanto, ela desenvolve argumentos embasados em uma análise histórica das condições em torno do Projeto de Criação do Curso de Psicologia. A autora observou que a realidade do Curso se mostrava distinta daquela imaginada na criação do Projeto, não formando profissionais com conhecimentos e habilidades capazes de atuarem em qualquer área.

O oitavo capítulo serve para assinalar como o modelo implantado no Curso de Psicologia da UFC foi, desde o princípio, signatário da mentalidade disseminada na época: a profissional, fruto da reforma de 68, onde o modelo empresarial relegou um valor secundário à educação. O Curso foi criado às pressas e sem uma real preparação da comunidade acadêmica, mesmo sem condições físicas e materiais para sua instalação. Com recursos escassos aplicados à educação, o número de professores era pequeno, oito em 1975 e dez em 1976. Na impossibilidade de novas contratações, muitos dos professores-colaboradores passaram para a posição de assistentes, sendo, dessa forma, efetivados por conta do decreto ministerial de 1980.

Marques (2001) aborda ainda o interesse pela importação de conhecimentos, a partir de uma das “vantagens” pensadas na ocasião da elaboração do Projeto, no caso, o fato de enviarem “docentes com potencial intelectual e de liderança” para o exterior para cursos de Mestrado em Universidades “excelentes”. Na prática, embora alguns professores do curso tenham cumprido programas de pós-doutoramento em outros países, em sua maioria, as motivações para a formação foram as acordadas, tanto que posteriormente a isso, apenas um docente se manteve ligado ao Curso, levando a UFC a arcar com o ônus deste investimento, sem obter retorno.

No último capítulo, Marques (2001) toma como foco a aprovação e criação, em 1981, do Departamento de Psicologia, que somente se torna possível após várias reivindicações dos docentes por espaço e autonomia ao curso. Na prática, entretanto, mesmo que o Conselho Universitário tenha oficializado o Departamento de Psicologia em 1981, este permaneceu localizado dentro do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia ainda por alguns anos.

Uma informação trazida pela autora é muito interessante e merece destaque, pois

diz muito dos problemas que viriam a ser enfrentados no futuro. A UFC não recebeu críticas relacionadas a sua forma antidemocrática e elitista, o que tornava difícil uma condução realmente autônoma do Departamento do Curso de Psicologia nas condições defendidas pelo documento base. É certo que o documento base de planejamento e efetivação do Departamento fora elaborado por cinco professores e cinco alunos, assim como o mesmo foi apresentado à comunidade acadêmica e nele constavam princípios orientadores que primavam pela democracia e formas básicas de aplicação pela gestão do Curso. Todavia, as decisões continuaram a ser tomadas sem consulta aos docentes e alunos, esperando apenas que estes acaatassem o que Diretores de Centro, Reitor e Centro Acadêmico aprovavam.

De todo modo, na conclusão do livro, Marques (2001) assinala a grande importância da criação do curso de Psicologia no Ceará, sobretudo pelo fato da possibilidade de formação que passou a oferecer aos cearenses, que não precisaram mais mudar para outros estados do país. Ela explica que as críticas que realizou ao longo do livro pretendem demonstrar que mudanças são possíveis e demandam mobilização constante. Ademais, a autora assinala a importância da criação da Revista de Psicologia do Departamento, a qual teve seu primeiro número publicado em março de 1984 e cita alguns nomes que compuseram e colaboraram com a história do Curso de Psicologia da UFC, desculpando-se por não ser possível citar todos os nomes dos professores no texto apresentado.

## REFERÊNCIA

Moura, A. M. (2001). *Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará: história da criação/ criação de uma história*. Fortaleza: GM Multimídia Ed.

RECEBIDO EM: 24/05/2016

APROVADO EM: 27/06/2016